

**RUI PIRES CABRAL: MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO  
DA IDENTIDADE ÍNTIMA DO SUJEITO,  
NA POESIA PORTUGUESA DA VIRADA DO SÉCULO XX PARA O XXI.**

Luiz Carlos de Moura AZEVEDO<sup>1</sup>

RESUMO – O “ar duro” da serra do Marão, o fundo de um corredor da casa da avó paterna, as oliveiras vistas de uma janela – a rememoração de paisagens tipicamente portuguesas e a lembrança de reminiscências íntimas atravessa os poemas de Rui Pires Cabral (Macedo de Cavaleiros, Alto Trás-os-Montes, 1967) como contraponto à constante errância do sujeito por cidades e lugares estrangeiros. Dono de uma voz poética bastante particular, Rui Pires Cabral vem se afirmando, a cada livro que publica (só os de poesia, publicados em Portugal, já somam seis, desde o primeiro, de 1994; os três últimos intitulam-se *Praças e quintais*, de 2003; *Longe da aldeia*, de 2005; e *Capitais da solidão*, de 2006) como uma das figuras de proa da geração de poetas portugueses que, nascidos na década de 60, lançaram seus primeiros livros por volta de 1990 e estão marcando, de maneira muito própria, a feição da poesia portuguesa na passagem do século XX para o XXI.

Esta comunicação, ao estudar alguns poemas de Rui Pires Cabral, pretende investigar como, através do exercício da memória, o sujeito tenta reencontrar sua identidade, ameaçada por certa angústia típica do homem de nossa época, que se vê, ao mesmo tempo, dentro de seu *quintal*, de sua *aldeia*, mas frente às *capitais* do mundo da cultura de massa. A proposta insere-se numa linha de pesquisa centrada na poesia portuguesa contemporânea, tema de nossa tese de doutorado, atualmente em elaboração.

PALAVRAS-CHAVE – Rui Pires Cabral; poesia portuguesa século XX/século XXI; memória; sujeito poético; análise poética.

O nome de Rui Pires Cabral representa certa unanimidade, entre os críticos que estudam a poesia portuguesa mais atual. Num universo de exatamente 50 poetas portugueses, cujos primeiros livros foram publicados a partir de 1990, apenas Rui Pires Cabral mereceu a totalidade de sete menções, em quatro antologias e três artigos dedicados à poesia do período. As quatro antologias, em ordem cronológica, são: *Anos 90 e agora* (2001), organizada por Jorge Reis-Sá; *Poetas sem qualidades* (2002), por Manuel de Freitas; *9 poetas para o século XXI* (2003), por José Ricardo Nunes; e *A nova poesia portuguesa*, por Fernando Pinto do Amaral, publicada na revista

---

<sup>1</sup> USP. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Endereço para correspondência: Rua Maria Curupaiti 604; bloco I; apto. 22. Jardim São Bento. CEP 02452-001 São Paulo, SP. Brasil. Endereço eletrônico: poetando@hotmail.com

**Relâmpago**, da Fundação Luís Miguel Nava, em abril de 2003. Às quatro antologias, somam-se três ensaios: “Anos 90, breve roteiro da novíssima poesia portuguesa”, de Rosa Maria Martelo, incluído na revista **Via Atlântica** (dezembro de 1999); “Algumas tendências da poesia portuguesa contemporânea desde os anos 50 até 2000”, de Paula Cristina Costa, na revista virtual **Logovemos**; e “Em direcção ao fim do século”, de Fernando Guimarães, capítulo de seu livro *A poesia contemporânea portuguesa – do final dos anos 50 aos anos 90* (a 2ª edição é de 2002). No Anexo 1, incluímos uma tabela que traz o nome dos 50 poetas, juntamente com suas respectivas citações nas quatro antologias e nos três ensaios.

Sem dúvida, a unanimidade tem a ver com a qualidade da poesia deste autor que, embora relativamente jovem, já apresenta presença destacada no panorama editorial português. Começemos pelos dados biográficos: Rui Pires Cabral nasceu em 1967, na então vila (cidade desde 1969) de Macedo de Cavaleiros, no distrito de Bragança, sub-região de Alto Trás-os-Montes, no extremo nordeste de Portugal. A cidade tem cerca de cinco mil habitantes <sup>2</sup>.

O poeta estudou História e Arqueologia, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Seus três primeiros livros de poesia, *Pensão Bellinzona & outros poemas*, de 1994, *Geografia das estações*, também de 1994, e *A super-realidade*, de 1995, foram publicados em edições de autor, na cidade de Vila Real, esta com 25 mil habitantes <sup>3</sup>, capital do distrito de Vila Real, vizinho ao de Bragança, porém pertencente à sub-região do Douro<sup>4</sup>. Seguiram-se mais três livros: *Música antológica & onze cidades* (Lisboa: Presença, 1997), *Praças e quintais* (Lisboa: Averno, 2005) e *Capitais da solidão* (Vila Real: Teatro de Vila Real, 2006). No Brasil, foi lançada uma seleta sua, *Poemas* (Rio de

---

<sup>2</sup> Informação de uma página virtual dedicada à cidade (MACEDO DE CAVALEIROS, 2008).

<sup>3</sup> Dado estatístico de 2006 (VILA REAL, 2008).

<sup>4</sup> As duas regiões já estiveram agrupadas na província de Trás-os-Montes e Alto Douro, denominação meramente burocrática, porém que permanece no vocabulário popular (TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO, 2008).

Janeiro: Oficina Raquel, 2007; Coleção Portugal 0, vol. 2). Em 1985, teve editado um livro de contos e, desde 1995, mora em Lisboa, onde trabalha como tradutor de inglês.

Rui Pires Cabral é dono de uma dicção bastante própria. Em sua poesia, uma das características que mais chama a atenção do leitor – ao lado de uma muito característica separação das estrofes por inesperados *enjambements* – é a quantidade de palavras grafadas em língua estrangeira. Dos 71 poemas incluídos na seleta brasileira, nada menos que 24, ou seja, algo mais de trinta por cento, possuem o título grafado em inglês. O poema “Peace Festival”, que a seleta tirou do livro *Longe da aldeia* (mais especificamente da primeira parte, intitulada “O Coração da Inglaterra”), constitui um bom exemplo do uso constante, seja no título, seja no corpo do poema, de referências a nomes próprios, costumes, endereços, locais geográficos e cidades fora de Portugal:

### **PEACE FESTIVAL**

Espanta-espíritos e legumes biológicos  
no parque da biblioteca, nas barracas brancas  
à volta do coreto onde se oferecia comida  
mexicana, leituras do Tarot e artesanato nepalês  
produzido nalguma comuna hippie para os lados  
  
de Cardiff. Íamos indecisos, predispostos a olhar  
muito de fora a comoção, mas que sentimento  
nos alcançou afinal, na relva entre os quacres  
de Warwick e os membros do Grupo Europeu

para a Harmonia Global, a ouvir funk, salsa  
e rock “céltico” – seria alegria ou apenas a glória

de uma tarde de Junho na Terra?

Tu experimentaste as sedas dos indianos e eu  
comprei um pisa-papéis com três escaravelhos  
lá dentro, garantiram-me que era da Zâmbia  
ou do Zimbabué, já não me lembro, para mim  
há-de ser sempre do coração da Inglaterra. (CABRAL, 2007, p. 73)

Não fosse uma única palavra – “um pisa-papéis” – grafada no português tipicamente falado em Portugal (no Brasil, diríamos “peso de papéis”), nada em “Peace Festival” aponta para a origem portuguesa do autor. Enquanto uma das cidades citadas, “Warwick”, capital do condado de Warwickshire, localiza-se efetivamente no centro da Inglaterra, tornando bastante concreta a referência do sujeito, no último verso, ao “coração da Inglaterra” (lembramos que este é, também, o título da parte do livro que abriga o poema), a outra localidade, “Cardiff”, curiosamente, remete, não à Inglaterra, mas à capital do País de Gales. Quase como uma bússola ensadecida, outros versos dirigem o leitor para diferentes regiões de diferentes continentes, da América do Sul à Ásia, com passagens pela África e por uma *trilha sonora* de diversas origens étnicas. Assim, a menção a um “Grupo Europeu para a Harmonia Global” combina com a insistente errância do sujeito por paragens distantes – lembramos que a globalidade é atributo constante no noticiário que nos chega cotidianamente.

A única certeza do sujeito – se é que ele possui alguma – é a de estar “na Terra”, detalhe veementemente enfatizado pela “alegria” e pela “glória de uma tarde de Junho”,

o luminoso que inicia o verão europeu. O poeta está atento para a passagem do tempo, fixando-se, também na descrição de pormenores de um modo de vida bastante emblemático do final do século XX: o “parque da biblioteca”, com as “barracas brancas à volta do coreto” contribuem para refletir um certo desejo de volta à natureza, num tipo de comportamento alternativo de quem não concorda com os altos níveis de massificação e padronização atingidos pela sociedade. Não falta, inclusive, uma “comuna hippie”, mesmo que ela soe um tanto anacrônica, pois o poema foi originalmente publicado num livro de 2005.

Já que os tempos verbais predominantes aludem a um passado, mais próximo ou mais distante (“Íamos indecisos”, “seria alegria”, “tu experimentaste”, “eu comprei”, “garantiram-me que era”), percebe-se que a cena descrita pertence à memória do sujeito, memória certamente afetiva, mesmo que o afeto esteja envolto por alguma nebulosidade (“Íamos indecisos, predispostos a olhar/ *muito de fora* a comoção, *mas que sentimento/* nos alcançou afinal” – grifos meus). Nesse caminho, o “não me lembro” do penúltimo verso, mais que se referir à provável origem do peso de papéis, revelaria, talvez, um desejo de não-lembrança do “tu”, vagamente descrito como alguém que experimentou “as sedas dos indianos” e que, se provocou algum “sentimento”, este já não consegue mais ser recordado em minúcias, mas apenas como algo vago, que o sujeito não sabe mais se era “alegria ou apenas a glória/ de uma tarde de Junho”. O último verso sugere, enfim, que, se o eu estava fixado em algum “coração” – difícil não pensar na simbologia amorosa do termo – esse “coração” não seria exatamente o do “tu”, mas o da Inglaterra.

“Peace Festival”, ao ser totalmente ambientado num cenário fora de Portugal, enfatiza o caráter errante do sujeito. Ou, como salienta Maria Lúcia Dal Farra, na introdução à seleta publicada no Brasil (a introdução, muito adequadamente, intitula-se “Rui Pires Cabral ou a poética andeja”):

[Para Rui Pires Cabral,] a experiência das cidades e dos lugares é uma das maneiras de conhecimento tanto ontológico quanto poético.

Desde *Geografia das estações* (1994), [...] esta poética entremostra como frontispício um diapasão de errância que, no transcurso dos cinco volumes seguintes, há de converter-se em acelerador para outras travessias e outros tantos atalhos – por dentro ou por fora dos acidentes geográficos da existência. (DAL FARRA, 2007, p. 11)

Uma leitura atenta do conjunto dos poemas de Rui Pires Cabral irá revelar, além da ambientação em cenários estrangeiros, uma recorrente utilização do exercício da memória por parte do sujeito, às voltas com as recordações de sua infância, ou de sua primeira juventude. É importante ressaltar que a rememoração não acontece de forma gratuita; ao praticá-la, o sujeito está não só se lembrando de fatos passados de sua vida, mas, numa operação de resgate das próprias origens, enfatizando sua condição de indivíduo português.

Colocadas ao lado das alusões estrangeiras, as buscas de reminiscências do passado acabam por enfatizar o caráter *português* do sujeito, através da utilização de termos da língua falada em Portugal e da descrição de paisagens típicas do país. Vejamos “Vila Real”, poema do livro *Música antológica & onze cidades*:

## **VILA REAL**

*para a Daniela e a Viviana*

Estamos sentados entre o xisto e a caruma  
no chão da montanha. Os choupos são uma impressão  
riscada no cenário à nossa frente, mas nós temos as mãos ocupadas

com outros pensamentos. Às vezes era doloroso viver atrás  
das montanhas, pressentíamos a distância do mundo como uma faca  
e usávamos o mesmo gume para dividir entre nós  
as enormes tardes de domingo.

Nós os três contra o ar duro do Marão, os braços em torno  
dos joelhos. Quase uma imagem para a música das cassetes  
que eu levava para todo o lado (alguma desenquadrada peça de Satie  
entre Polly Jean e Tom Waits a uivar como um cão). Tínhamos vindo  
à procura da neve debaixo dos troncos, atirámos pequenas pedras  
às fundações do vale. E como parece branco e nítido o inverno.

(CABRAL, 2007, p. 50)

Incluído num grupo de poemas com títulos de cidades estrangeiras (“Budapeste” e “Paris” são dois exemplos), este poema chama a atenção do leitor que conhece a biografia do poeta, por levar o nome de uma cidade muito próxima à localidade onde nasceu Rui Pires Cabral, Macedo de Cavaleiros. Vila Real, como já assinalamos, não tem mais que 25 mil habitantes; seu diminuto tamanho ganha realce, se comparado aos das metrópoles europeias como Budapeste ou Paris, que dão título a poemas vizinhos.

Mas não é apenas o título que nos faz, por assim dizer, mergulhar em Portugal. Desde os primeiros versos, temos certeza de estar *dentro* de uma paisagem portuguesa. A “montanha”, identificada logo na abertura da segunda estrofe, é o “Marão”, conhecido acidente topográfico do norte de Portugal, sexta montanha mais alta do país, chegando a atingir 1.415 metros de altitude, espécie de muralha natural a isolar a região de Trás-os-Montes do restante do país, tanto em termos geográficos, como de

desenvolvimento. O sujeito, inclusive, sofre com esse isolamento: “Às vezes era doloroso viver atrás/ das montanhas, presentíamos a distância do mundo como uma faca/ e usávamos o mesmo gume para dividir entre nós/ as enormes tardes de domingo”. Utilizando uma escala que parece aumentar desmesuradamente o tamanho da “montanha”, em relação à dimensão bem menor, seja da cidadezinha de Vila Real, seja do próprio corpo do sujeito (que, em todo o poema, aparece no plural, “mas nós temos as mãos ocupadas/ com outros pensamentos”), o poeta, sempre de forma a sugerir dor, ferimento, compara a enormidade do tédio dos domingos na província ao próprio gigantismo da serra do Marão.

Descrita em prosa e verso por verso por vários autores, a serra do Marão, segundo uma definição técnica, “é um bloco de granito e xisto <sup>5</sup>, delimitado a este pelo rio Corgo, a oeste pelo rio Tâmega e a sul pelo rio Douro”, de paisagem “árida devido à erosão” (EIRIZ 2008). José Saramago, em *Viagem a Portugal*, ressalta a proximidade das montanhas à cidade de Vila Real:

Vila Real não é cidade afortunada. Terá o viajante de explicar-se melhor para que não fiquem a querer-lhe mal os naturais [...]. Em verdade, que se há-de dizer de uma terra que tem, a nascente, Mateus, com seu solar de atractivo fácil <sup>6</sup>, a poente o Marão, a sul, o vale do Corgo e o outro, paralelo, por onde não corre rio de água mas onde escorre a doçura das vinhas? (SARAMAGO, 1994, p. 26)

Mais adiante, Saramago descreve com mais detalhes a “serra lendária”, não se esquecendo de mencionar a presença do “xisto”:

---

<sup>5</sup> Dá-se o nome de xisto, genericamente, a vários tipos de rochas metamórficas, sempre com a aparência laminada. Em Portugal, são também conhecidas, em linguagem popular, como “lousas” – daí o nome de “terra lousinha”, utilizado para os solos com base xistosa. (informações de XISTO, 2008)

<sup>6</sup> Trata-se do famoso palácio retratado no rótulo do vinho rosé Mateus, construção, segundo Saramago, de “uma beleza maltratada em rótulos de garrafas de um vinho sem espírito, mas que, por graça de Nasoni, seu arquitecto, se mantém intacta”. (SARAMAGO. 1994, p. 28)

Vai a estrada em seu sossego de curva e contracurva, ora desce, ora sobe [...]. Não são ermos estes lugares. Tempo houve, antiqüíssimo, em que estas montanhas de xisto teriam sido assustadoras e eriçadas massas [...]. Depois veio o homem e pôs-se a fabricar terra. Desmontou, bateu e tornou a bater [...], fez os muros, quilômetros de muros [...], milhares de quilômetros, se contarmos todos os que foram levantados para segurar a vinha, a horta, a oliveira. Aqui, entre Vila Real e Peso da Régua, a arte do socalco atinge a suma perfeição [...]. (SARAMAGO, 1994, p. 29)

“Xisto”, “caruma”, “choupos”: a paisagem do Marão descrita por Rui Pires Cabral não poderia ser mais portuguesa. “Choupos”, como se sabe, nomeia uma das árvores mais comuns em Portugal, lembradas na conhecidíssima canção “Coimbra”, que José Galhardo escreveu por volta de 1930, “Coimbra do choupal, ainda és capital/ do amor em Portugal, ainda” (GALHARDO, 2006) e cantadas, também, pelo mesmo Saramago, em “Protopoema”:

Uma árvore sem nome desce donde não sei e vai pousar calada sobre a  
proa rigorosa do barco. Imóvel, espero que toda a água se banhe de  
azul e que  
as aves digam nos ramos por que são altos os choupos e rumorosas  
as suas folhas. (SARAMAGO, 2007)

Quanto a “caruma”, trata-se de termo caracteristicamente português, que identifica a rama e as folhas caídas e secas dos pinheiros, ingrediente necessário, inclusive, para uma receita típica portuguesa, “sardinhas assadas na caruma”<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Consultar LIFECOOLER, 2008), para uma das versões da receita.

A primeira estrofe de “Vila Real” não revela a quantidade de pessoas envolvidas pela pessoa plural do sujeito; os dois versos finais da estrofe poderiam, até, ser lidos com uma leve conotação erótica, se imaginarmos o “nós” como sendo o próprio sujeito, mais a pessoa amada. Entretanto, a segunda estrofe elucida tratar-se de um trio, provavelmente parceiros de juventude. Os dois nomes da música pop citados, “Polly Jean” e “Tom Waits”, referem-se dois artistas que alcançaram notoriedade em épocas diferentes. A primeira, mais conhecida como P. J. Harvey, cantora e letrista inglesa, nascida em 1969, teve seu primeiro disco lançado em 1992, quando se apresentava em um trio; no ano seguinte, iniciou carreira solo. Tom Waits, por sua vez, americano de 1949, lançou seu primeiro álbum em 1973 e ficou conhecido por sua voz grossa e rouca – o poema não poderia ser mais explícito, ao descrevê-lo uivando “como um cão”. A menção a um terceiro músico, este erudito, o francês Eric Satie (1866/1925), embaralha ainda mais as referências sonoras, embora Rui Pires Cabral homenageie o compositor em outras ocasiões, como no poema “Gnossienne no. 1”, de *Música antológica & onze cidades*, cujo título vem das “Trois Gnossiennes”, peças de Satie escritas em 1890.

Não é só a composição de Satie que aparece “desenquadrada”; o sujeito, que se expressa no plural, também se porta como alguém deslocado, distante “do mundo”, “à procura” não só “da neve”, mas de algum sentido para uma existência vazia como as “tardes de domingo”, cujo vácuo tenta, talvez em vão, preencher com músicas de “Polly Jean” ou de “Tom Waits”. Seria a nostalgia de um sujeito que se vê distante “do mundo” justamente por se sentir profundamente português, fixado “entre o xisto e a caruma/ no chão” do Marão? Esse mesmo sujeito, sempre no plural, “nós os três”, para proteger-se do “ar duro” da montanha, “os braços em torno/ dos joelhos”, assume uma posição quase fetal, enfatizando sua vulnerabilidade. Como diminutos Davis frente a um colossal Golias, “atirámos *pequenas* pedras/ às fundações do vale” (grifo nosso). Numa

metáfora mais ampla, a partir de um pequeno Portugal, “atrás/ das montanhas, pressentíamos a distância do mundo”...

O final do último verso soa desolado como a brancura do “inverno”, desolado e pungentemente próximo, porque “nítido”. Impossível não lembrar de “Paisagens de Inverno I” e “II”, dois dos mais tristes sonetos de Camilo Pessanha, nos quais um cenário onde “Vergam da neve os olmos dos caminhos” (“Paisagens de Inverno I”; PESSANHA, 1991, p. 36) traz um sujeito angustiado, revelando lembranças melancólicas, em versos como “Ó meu coração, torna para trás./ Onde vais a correr, desatinado?” (“Paisagens de Inverno I”; PESSANHA, 1991, p. 36) ou “Para onde me levais meu vão cuidado?/ Aonde vais, meu coração vazio?” (“Paisagens de Inverno II”; PESSANHA, 1991, p. 38).

Rui Pires Cabral escreve num outro fim/início de século, cem anos após Pessanha. No entanto, apesar de duas grandes guerras (e as guerras insistem em não terminar nunca) e de outros acontecimentos de maior ou menor importância, o sujeito de Cabral, como o de Pessanha, continua a padecer sob o peso de um mundo adverso, no qual sente-se deslocado, incapaz de encontrar um lugar próprio.

Com a palavra, Rosa Maria Martelo, uma das pesquisadoras portuguesas que conhece mais de perto a atual poesia portuguesa, numa entrevista ao poeta carioca Luís Maffei, também ele estudioso da mais nova poesia que se faz em Portugal:

Creio que na novíssima poesia portuguesa é bastante perceptível a presença de um olhar de alegorista (em sentido benjaminiano), que é um olhar que surpreende nos fragmentos de um mundo em ruínas os emblemas da falha, ou da falta, sem acreditar na possibilidade de a escrita poder funcionar como sua remissão, apenas atribuindo à escrita a tarefa de uma mostração frágil e desolada. (PEQUENA MORTE, 2008)

Um dos primeiros livros de Rui Pires Cabral, *Geografia das estações*, traz “Cantiga”, pequeno poema que abre sua seleta publicada no Rio de Janeiro:

### CANTIGA

as palavras repousam fermentadas  
na geometria do meu lagar

é uma guerra e está dentro de mim  
como um bicho emboscado

agora já tenho quatro versos turvos  
e uma dor longínqua no intervalo  
dos ossos

com o que sobra  
invento outra mitologia (CABRAL, 2007, p. 33)

Em “Cantiga”, Rui Pires Cabral desenha para o leitor um quadro dolorido, no qual um sujeito chora sua dor, que, apesar de “longínqua”, mostra-se intensa o suficiente para lhe atingir no “intervalo/ dos ossos”. “Dentro” do próprio sujeito instalou-se “uma guerra”; mas o combate do eu é consigo próprio, acuado “como um bicho emboscado” – ao criar a veemente imagem de um animal acuado, Rui Pires Cabral chega bem perto das comparações entre o homem e os animais, tão caras a Sophia de Mello Breyner Andresen, como nos dois primeiros versos de seu poema “Um

Dia”, do livro *Grades*, de 1970: “Um dia, gastos, voltaremos/ A viver livres como os animais” (SOPHIA, 2008), embora, especificamente nesse poema, a metáfora política de Sophia fosse dirigida a um endereço muito bem definido, a ditadura de Salazar.

Algo como vinte anos depois de Sophia, Rui Pires Cabral escreve num Portugal politicamente diferente, livre dos desmandos salazaristas. Mas o sujeito de “Cantiga” está tão sofridamente preso de si mesmo, que, ao tentar se expressar através de palavras, estas se revelam “turvas” – como se resultasse azedo o vinho pisado nesse “meu lagar”, termo tipicamente português que designa o local onde se amassam as uvas para produzir vinho, ou as azeitonas para delas se extrair o azeite. É na escolha de termos intrinsecamente portugueses como “lagar” que Rui Pires Cabral constrói em seus poemas a identidade, também ela essencialmente portuguesa, do sujeito. Vem a propósito um texto de Miguel Torga, sobre um lagar de xisto e que soa como complemento perfeito à descrição de Saramago reproduzida acima; o texto de Torga vem de seu livro *Portugal*, de 1950:

Nas margens de um rio de oiro, [...] erguem-se os muros do milagre. Em íngremes socacos [...], crescem as cepas como os manjericos às janelas. No Setembro, os homens deixam as eiras da Terra-Fria e descem, em rogas, a escadaria do lagar de xisto. Cantam, dançam e trabalham. Depois sobem. E daí a pouco há sol engarrafado a embebedar os quatro cantos do mundo. (TORGA, 2008)

A segunda parte do livro *Longe da aldeia*, denominada “Cidade dos Desaparecidos”, traz “O Terceiro”, poema no qual a recordação de cenas da infância propicia uma “relação de ausências”, que resultarão, afinal, na incapacidade do próprio sujeito de encontrar as palavras adequadas para traduzir sua angústia. Se, em “Cantiga”, as “palavras”, “fermentadas” acabavam produzindo não mais que “versos turvos”, neste “O Terceiro”, as “palavras”, agora, como que

*fogem* do sujeito, escapando de sua habilidade para encontrar uma maneira plausível de “acabar este poema”:

### **O TERCEIRO**

Em casa da minha avó paterna  
chamava-se terceiro à espécie  
de arrecadação de dois andares  
que ficava ao fundo de um corredor.

Era para onde fugíamos sempre  
que encontrávamos a porta  
aberta - a aventura valia bem  
a reprimenda. O terceiro

era arriscado e umbroso, as telhas  
coavam o ar da tarde onde dançava  
uma poeira lenta e muito antiga.

Grandes aranhas verdes e nervosas  
pareciam vigiar o que restara  
da infância do meu pai  
e seus irmãos: cromos das Raças

Humanas, revistas com desenhos  
humorísticos onde homens e mulheres  
usavam sempre chapéu. Um mundo  
desaparecido, morto havia décadas –

como se a casa, na sua difícil progressão  
para o futuro, se tivesse esquecido  
do terceiro no passado. Bem vistas  
as coisas, porém, a verdade era outra:

o terceiro adiantara-se, tinha chegado  
mais cedo ao destino que aguardava  
tudo o resto. A avó, a casa inteira –  
e a parte de mim que lhes pertencia.

Esta relação de ausências é contrária  
ao emprego das palavras. E é por isso

que eu não sei acabar este poema. (CABRAL, 2007, p. 88)

A memória do sujeito recua até “Um mundo/ desaparecido, morto havia décadas”, um pouco “parte de mim”, como “A avó” e “a casa inteira”. Seguindo uma das trilhas mais caras à poesia portuguesa, interessante acompanhar como Rui Pires Cabral semeia em seus poemas as lembranças da *casa* – o elenco de poetas portugueses que se ativeram ao tema é extenso; veja-se o livro *Escrever a casa portuguesa*, organizado por Jorge Fernandes da Silveira. Estes são apenas alguns exemplos, todos colhidos na seleta carioca: “Nada poderá perturbar a fluência da penumbra/ nos cantos para onde se varre a casa/ aos domingos”, em “I’m Coming Home”<sup>8</sup>; “Vir de tão longe para encontrar a sombra/ de uma casa demolida”, em “Budapeste”<sup>9</sup>; “Tudo o que cresce/ sobre a terra tem a mesma vocação, as casas, o passado,/ o corpo em todo o

---

<sup>8</sup> O poema – que no próprio título já traz embutido o *lar* do sujeito – é do livro *Música antológica & onze cidades* (CABRAL, 2007, p. 43).

<sup>9</sup> Também de *Música antológica & onze cidades* (CABRAL, 2007, p. 48).

caso;”, em “A Floresta em Cedofeita”<sup>10</sup>; “Dás à casa as janelas/ para ver as oliveiras e as nuvens encostadas/ sobre o morro” e “ O amor imita a terra aonde a casa/ se esconde”, ambas citações de “Serra de Ossa”<sup>11</sup>; “Pequenos alicerces do próprio tempo,/ quem diria que os podíamos/ apagar? Iam do princípio ao fim/ dos meses, era onde se agarrava/ o ramo branco da casa.”, em “Tema”<sup>12</sup>; “à sombra que deixaste/ em casa”, em “Kenilworth”<sup>13</sup>; “O livro teve outra existência, pertenceu a outra casa”, em “Shirley Anne Eales”<sup>14</sup>.

Na poesia de Rui Pires Cabral, muitas vezes, a nostalgia da casa está ligada às cicatrizes de um “passado” mal curado, envolto numa certa “penumbra” (também Sophia de Mello Breyner Andresen, ao recordar a casa da infância no poema “Manuel Bandeira”, menciona as “penumbras”: “Pelos corredores da casa antiga/ Nas solenes penumbras do silêncio”<sup>15</sup>). Acompanha essa “sombra” uma profunda sensação de arruinamento, de algo que se acabou, que foi destruído – a “casa demolida” de “Budapeste”. Às vezes, a casa não está propriamente destruída, mas *escondida*, camuflada entre “as nuvens” e “a terra” da paisagem. Já a casa de “A Floresta em Cedofeita”, inesperadamente associada ao “corpo”, poderia nos fazer pensar em Luiza Neto Jorge. De qualquer maneira, “demolida” ou escondida, a casa de Rui Pires Cabral permanece irremediavelmente *agarrada* ao sujeito e nada, nem a eterna passagem do tempo, “do princípio ao fim/ dos meses”, consegue anular essa condição de pertinência.

---

<sup>10</sup> Do livro *Praças e quintais* (CABRAL, 2007, p. 60).

<sup>11</sup> Este poema, também de *Praças e quintais* (CABRAL, 2007, p. 61), leva o nome de outro acidente geográfico de Portugal, a Serra de Ossa, que atinge uma altitude máxima de 653 metros e localiza-se no Alto Alentejo, no sudeste do país; a menção às “oliveiras” indica uma paisagem tipicamente portuguesa.

<sup>12</sup> Foi impossível resistir à tentação de reproduzir a estrofe inteira; nela, Rui Pires Cabral *agarrar-se* à passagem do tempo, que escoia, indelével, como os indestrutíveis “alicerces” da “casa”. O poema está em *Praças e quintais* (CABRAL, 2007, p. 65).

<sup>13</sup> Do livro *Longe da aldeia* (CABRAL, 2007, p. 75).

<sup>14</sup> Também de *Longe da aldeia* (CABRAL, 2007, p. 76).

<sup>15</sup> Originalmente publicado em *Geografia*, livro de 1967 (ANDRESEN, 1999, p. 78)

Terminamos com um poema de apenas uma estrofe, “[Passagem de Peões]” (lembramos que, em Portugal, o título significa “[Passagem de Pedestres]”), de *Capitais da solidão*, que também encerra a seleta:

**[PASSAGEM DE PEÕES]**

À vinda do supermercado  
diz-me o pequeno monstro  
que às vezes me faz companhia:  
”E qual é a tua razão de ser?”

Na rua, a tarde rola devagar  
entre prédios murchos — e ele  
acrescenta: “Não me digas  
que são os versos.”

E ri-se. (CABRAL, 2007, p. 103)

De maneira significativa, a primeira menção do poema é ao “supermercado”, esse grande ícone de nossa época, totalmente voltada ao consumo. Num cenário onde tudo o mais são “prédios murchos”, sem vida, aflora o “pequeno monstro”, alter ego do sujeito, colocando em questão, de modo profundamente irônico, a “razão de ser” da própria poesia. Mais uma vez o sujeito confessa-se descontente consigo mesmo, inábil em encontrar um lugar para si – e para sua poesia – no mundo das *Capitais da solidão*,

um tanto *Longe da aldeia* e das *Praças e quintais*, cujas memórias, sempre distantes, tentam resgatar sua identidade.

### Referências bibliográficas

AMARAL, F. P. (org.) Antologia da nova poesia portuguesa. *Relâmpago*. Revista da Fundação Luís Miguel Nava. Lisboa, v. 12, 2003.

ANDRESEN, S. de M. B. *Obra poética III*. 4ª. Ed. Lisboa: Caminho, 1999.

CABRAL, R. P. *Poemas*. Coleção Portugal 0, vol. 2. Rio de Janeiro: Raquel, 2007.

COSTA, P. C. Algumas tendências da poesia portuguesa contemporânea desde os anos 50 até 2000. *Logovemos – Revista virtual de poesia*. Porto, nº 1, março de 2004. Disponível em <[http://www.secrel.com.br/jpoesia/lv01ensaio4.htm#\\_ftn27](http://www.secrel.com.br/jpoesia/lv01ensaio4.htm#_ftn27)>. Acesso em 14 out. 2007.

DAL FARRA, M. L. Rui Pires Cabral ou a poética andeja. In: CABRAL, R. P. *Poemas*. Coleção Portugal 0, vol. 2. Rio de Janeiro: Raquel, 2007

EIRIZ, 2008. Disponível em <<http://www.eiriz.net/actividades-%20vila%20real.htm>>. Acesso em 20 ago 2008.

FREITAS M. de (org.). *Poetas sem qualidade*. Lisboa: Averno, 2002.

GALHARDO, 2008. Disponível em:  
<<http://natura.di.uminho.pt/~jj/musica/html/galhardo-coimbra.html>>. Acesso em 20 ago. 2008.

GUIMARÃES, F. Em direção ao fim do século. In: GUIMARÃES, F. *A poesia contemporânea portuguesa – do final dos anos 50 aos anos 90*. 2ª ed. Vila Nova de Famalicão: Quasi, 2002.

LIFECOOLER, 2008. Disponível em:  
<<http://www.lifecooler.com/portugal/produtosregionais/SardinhasAssadasnoEnguicoViladoConde>>. Acesso em 20 ago. 2008.

MACEDO DE CAVALEIROS, 2008. Disponível em  
<[http://www.vbruno.net/macedo\\_de\\_cavaleiros/index.html](http://www.vbruno.net/macedo_de_cavaleiros/index.html)>. Acesso em 20 ago 2008.

MARTELO, R. M. Anos 90, breve roteiro da novíssima poesia portuguesa. *Via Atlântica*. Revista do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, nº 3, p. 225-237, dez. 1999.

Disponível em  
<[http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via03/via03\\_17.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via03/via03_17.pdf)>. Acesso em 14 out. 2007.

NUNES, J. R. *9 poetas para o Século XXI*. Coimbra: Angelus Novus, 2003.

PEQUENA MORTE, 2008. Disponível em <<http://pequenamorte.com/2008/05/para-referencializar-a-poesia-seis-perguntas-para-rosa-maria-martelo/>>. Acesso em 10 ago. 2008.

PESSANHA, C. *Clepsydre*. Trad. de M. Chandeigne e A. Witkowski. [Paris:] Orphée/La Diference, 1991.

NUNES, J. R. *9 poetas para o século XXI*. Coimbra: Angelus Novus, 2003.

REIS-SÁ, J. *Anos 90 e agora*. Vila Nova de Famalicão: Quasi, 2001.

RELÂMPAGO. Nº. 12. Lisboa: Fundação Luís Miguel Nava, abril de 2003.

SARAMAGO, 2007. Disponível em: <[http://escrevo-logo-existo.blogspot.com/2007\\_01\\_01\\_archive.html](http://escrevo-logo-existo.blogspot.com/2007_01_01_archive.html)>. Acesso em 20 ago. 2008.

SERRA, P.; SILVESTRE, O. M. *Século de ouro: antologia*

SILVEIRA, J. F. da (org.). *Escrever a casa portuguesa*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

SOPHIA, 2008. Disponível em <<http://www.triplov.com/sophia/grades.html>>. Acesso em 25 ago. 2008.

TORGA, 2008. Disponível em  
<<http://atelier.hannover2000.mct.pt/~pr262/citacoes.htm>>. Acesso em 15 ago. 2008.

TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO, 2008. Disponível em:  
<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Tr%C3%A1s-os-Montes\\_e\\_Alto\\_Douro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tr%C3%A1s-os-Montes_e_Alto_Douro)>. Acesso em 20 ago. 2008.

VILA REAL, 2008. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila\\_Real](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Real)>. Acesso em 20 ago 2008.

XISTO, 2008. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Xisto>>. Acesso em 20 ago. 2008.

## **Anexo 1 – Tabela**

A tabela a seguir traz o nome de 50 poetas portugueses, que tiveram seu primeiro livro publicado a partir de 1990 e indica suas respectivas citações nas quatro antologias e nos três ensaios considerados neste trabalho (Anos 90 = *Anos 90 e agora*; Sem Q = *Poetas sem qualidades*; 9 poetas: *9 poetas para o século XXI*; Relâmpago = antologia publicada na revista **Relâmpago**; F Guim. = artigo de Fernando Guimarães; Martelo = artigo de Rosa Maria Martelo; Paula = artigo de Paula Cristina Costa).

Poeta – n <sup>o</sup> total de citações (mínimo de 2)	Anos 90	Sem Q	9 poetas	Relâm-pago.	F Guim.	Martelo	Paula
Agripina Costa Marques – 3					X	X	X
Ana Luísa Amaral – 4	X				X	X	X
Ana Marques Gastão -3	X				X		X
Ana Paula Inácio – 4	X	X			X		X
António Carlos Cortez							X
Bernardo Pinto de Almeida							X
Carlos Alberto Machado		X					
Carlos Luís Bessa - 4		X	X	X			X
Carlos Poças Falcão						X	
Carlos Saraiva Pinto - 2	X				X		
Daniel Faria (1971/1999) - 5	X		X		X	X	X
Eva Ruivo						X	
Francisco Duarte Mangas						X	
Fernando Pinto do Amaral –4	X				X	X	X
Firmino Mendes –2					X	X	
Graça Pires							X
Helena Carvalhão Buescu						X	
Helga Moreira					X		
Isabel Cristina Pires						X	
João L. Barreto Guimarães – 5			X	X	X	X	X
João Miguel Queirós		X					
Jorge [M.] G. Miranda – 5	X		X		X	X	X
Jorge Melícias - 2	X				X		
José Alberto Oliveira						X	
José Guardado Moreira						X	
José Mário Silva				X			
José Miguel Silva - 2		X		X			
José Ricardo Nunes - 2				X			X
José Tolentino de Mendonça – 6	X		X	X	X	X	X
Luís Quintais – 6	X		X	X	X	X	X
Manuel Gusmão – 4					X	X	X
Manuel de Freitas - 2				X			X
Manuela Parreira da Silva							X
Maria do Rosário Pedreira - 2	X					X	X
Nuno Félix da Costa						X	
Nuno Moura		X					
Paulo Jorge Fidalgo						X	
Paulo José Miranda – 6	X		X	X	X	X	X
Paulo Ferreira Borges							X
Paulo Pais						X	
Pedro Mexia - 5	X		X	X	X		X

Rosa Alice Branco							<b>X</b>	
Rui Córias - 4	<b>X</b>			<b>X</b>	<b>X</b>			<b>X</b>
Rui Pires Cabral -7	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>		<b>X</b>	<b>X</b>
Sérgio Pereira							<b>X</b>	
Valter Hugo Mãe - 2	<b>X</b>				<b>X</b>			
Vasco Ferreira de Campos -2	<b>X</b>						<b>X</b>	
Vasco Gato - 3	<b>X</b>				<b>X</b>			<b>X</b>
Vindeirinho			<b>X</b>					
“Anônimo”			<b>X</b>					